



## Na viagem pelo sertão de *Galileia*, outras modulações regionais

*In the journey through the wilderness of Galileia, other regional modulations*

MÁRCIA RIOS DA SILVA

Universidade do Estado da Bahia – Salvador – Bahia – Brasil



**Resumo:** Este artigo propõe-se a apresentar uma leitura do romance *Galileia*, de autoria do escritor brasileiro Ronaldo Correia de Brito, publicado em 2008. Em tal leitura, tem-se o intuito de delinear uma interpretação da visão de “identidade regional” elaborada nessa narrativa, que se tece construindo a memória de um clã. Como ponto de partida, busca-se entender uma proposta de interpretação do sertão do Nordeste brasileiro, região sobre a qual se produz, reiteradamente, uma textualidade ideologizada por discursos provenientes de matrizes culturais erudita e popular-massiva. Pretende-se, por fim, ler criticamente, neste romance, a reescrita de uma tradição memorialística na ficção brasileira, modulada sob perspectivas diferenciadas, ora aderindo a um projeto de nacionalidade, ora pondo em questionamento tal projeto.

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea; *Galileia*; Ronaldo Brito; Regional

**Abstract:** This article aims to present a reading of the novel *Galileia*, authored by the Brazilian writer Ronaldo Correia de Brito, published in 2008. In this reading, the objective is to delineate an interpretation of the vision of “regional identity” developed in this narrative, which is weaved by building the memory of a clan. As a starting point, we seek to understand a proposed interpretation of the hinterland of the Northeast of Brazil, region on which it is produced, repeatedly, an ideology textualized by discourses from classical and massive-popular cultural matrices. It is intended, finally, to read critically, in this novel, the rewriting of a memorialist tradition in Brazilian fiction, modulated under different perspectives, either by joining a national project, or calling into question such a project.

**Keywords:** Contemporary literature; *Galileia*; Ronaldo Brito; Regional

*Tenho gavetas cheias de tempo.*

*Faltavam trechos, páginas. Li toda a biblioteca comida por traças e cupins, o que deixou um buraco na minha formação. Sou narrador por essa necessidade de preencher esses furos, essa falta.*

(RONALDO CORREIA DE BRITO)

### 1 Nas estradas do sertão, a poeira do tempo

O romance *Galileia*, do escritor cearense Ronaldo Correia de Brito, publicado em 2008, foi o vencedor da 2ª edição do Prêmio São Paulo de Literatura em 2009, como o melhor livro do ano. Com uma recepção acalorada da crítica especializada, o romance, narrado em primeira pessoa, conta a história da família de um patriarca, tendo como protagonistas os primos Ismael, Davi, irmãos, e Adonias. Eles seguem em viagem rumo à fazenda

Galileia, no sertão do Nordeste brasileiro, no estado do Ceará, para a festa de aniversário do patriarca da família, com mais de 80 anos, o avô Raimundo Caetano de Rego Castro, que se encontra doente. Boa parte da história da “ilustre família” de Raimundo Caetano é dada a conhecer através do narrador Adonias. Tal história vai sendo apresentada em paralelo ao relato da viagem ao sertão, feita de automóvel, durante a qual os primos ouvem a canção “*Paranoid android*”, da *Radiohead*, banda inglesa de rock alternativo (criada no final dos anos 1980).

Na estrada, reminiscências e lembranças de episódios envolvendo a família do avô invadem Adonias. Isso o faz hesitar entre tomar o caminho de volta a Recife ou seguir para Arneirós, onde fica a fazenda e na qual eles passaram algum tempo de sua infância, retornando vez ou outra. “Reluto em voltar a Arneirós, temendo o encontro com minha família. Sua história escrita em três séculos de isolamento guardou-se em baús que não arejam nunca, por mais que debandemos em busca de outros mundos civilizados” (BRITO, 2009: 8-9).<sup>1</sup> Mas Adonias decide continuar a viagem. A certa altura da narrativa constata: “Somos aves de arribação. Mesmo quando partimos sem olhar para trás, retornamos; quando imaginamos firmar os pés numa nova paragem, estamos de volta” (p. 69).

Já no início do romance fica explícita uma hostilidade entre Adonias e Davi, como também entre Davi e o seu irmão Ismael, enquanto vai se apresentando um afeto especial entre Ismael e Adonias. Davi, o primo mais moço, nasceu em São Paulo, é filho de Natan com Marina, socióloga paulista descendente de italiano. De “pele alva e cabelos louros”, Davi morou na Europa e nos Estados Unidos, onde tocou piano em bares novaiorquinos, um tipo *outsider*, homossexual, destacado pelo narrador como um errante, aquele que conseguia enganar a família ao se dizer um exímio pianista. Ismael, que morou no Maranhão e na Noruega, é o filho “ilegítimo” de Natan com Maria Rodrigues, uma índia kanela.

O pai de Ismael a conhecera em suas viagens ao estado do Maranhão como comerciante de peles de animais, estimulando assim o extermínio de “onças, porcos-espinhos, gatos-do-mato, todos proibidos de caça, sob a vista do serviço de proteção aos índios e aos animais” (p. 94). Sem a paternidade reconhecida, o avô Raimundo Caetano, que o trouxera do Maranhão, ainda garoto, para Arneirós, registra-o, sob protesto da esposa, como seu filho legítimo e de Maria Rodrigues. Adonias, casado, médico e escritor, é filho de Ester, estudou em Londres, onde fez especialização em medicina, com bolsas de estudo, e tem consultório em Recife.

Cortando o asfalto de automóvel, o personagem-narrador, sempre tentando sinal do aparelho celular para falar com a sua mulher que ficara em Recife com os filhos, depara-se com uma paisagem que pouco mudou: “Prossigo entre campos de futebol de areia, margens comuns em estradas do Brasil. Rapazes se atacam em cima de uma bola, índios de tacape arrasando o inimigo. Cidades pobres, iguais em tudo: nas igrejas, nas praças, num boteco aberto às moscas” (p. 08), mas agora

vulneráveis à violência, extensiva aos quatro cantos do país. Ao comentar a precariedade da estrada, o narrador destaca que os “jornais da televisão mostram o abandono todos os dias. Podemos ser assaltados na próxima curva, por bandidos armados de rifles, em camionetas importadas como a nossa. Substituíram as pastagens de gado dos sertões por plantios de maconha” (p. 9).

Na viagem, em que, segundo Adonias, o guarda rodoviário federal espera “ganhar dinheiro” com algum motorista infrator, e uma mulher “em motocicleta carrega uma velha na garupa e tange três vacas magras”, dois mitos se desfazem para o personagem-narrador: o do “vaqueiro macho, encourado”, e o do “cavalo das histórias de heróis, quando se puxavam pelo rabo” (p. 08). *Galileia* vai expondo a paisagem geográfica e social de um sertão invadido por aparelhos celulares, *lan houses* ofertando acesso à Internet, antenas parabólicas e motocicletas na zona rural. O narrador observa ainda, quando das paradas em postos de gasolina, lanchonetes, hotéis baratos e restaurantes de beira de estrada, situações flagrantes de exploração sexual de garotos e garotas nas pequenas cidades do interior.

Em entrevista a José Inácio Vieira Melo (2009), o escritor afirma que o “sertão é apenas paisagem, um lugar que também se apresenta em Nova Iorque, Paris e São Paulo”. Nessa paisagem, existencial, Adonias, Davi e Ismael vivem mergulhados em seus conflitos, experimentando o retorno a um espaço que não existe mais. Para dramatizar tais conflitos, *Galileia* conta a história de uma família constituída no sertão do Nordeste, narrativa atravessada por reflexões acerca de uma identidade sertaneja. Contudo, não se tem um relato dos excluídos, como em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e *Seara vermelha*, de Jorge Amado, que narram a saga de retirantes. O que se conta em *Galileia* é a história do patriarca Raimundo Caetano, casado com Maria Raquel, a esposa fiandeira de redes, os quais tiveram nove filhos. Tem-se uma escrita biográfica de um clã, memorialística, que vai sendo tecida já no começo da viagem feita por Adonias, Davi e Ismael.

Como ler essa produção literária contemporânea, em meio a um intenso fluxo de narrativas, produzidas sob diferentes rubricas? No ensaio “Prosa literária atual no Brasil”, datado de 1985, o escritor e crítico literário Silviano Santiago (2002) ressalta a continuidade de uma escrita memorialística, como “componente forte e definitivo” – herança dos modernistas – na ficção brasileira dos anos 1970 e 1980. A tendência ao memorialismo (história de um clã) ou à autobiografia na prosa dessas últimas décadas rasura, contudo, as fronteiras entre “memória afetiva e fingimento” ou “memória e romance”, como costumavam estabelecer os modernistas. Afirma o autor:

<sup>1</sup> Doravante, as citações extraídas do romance serão identificadas pela indicação das páginas dessa edição.

[...] a preocupação memorialística é um componente forte e definitivo dentro de nossa melhor prosa modernista. Mas os modos como aquela preocupação emergia na ficção eram menos abertos do que os modos como afloram em Rachel Jardim, Paulo Francis ou Eliane Maciel, para citar apenas uns poucos. Se Lins do Rego não tivesse escrito no final da vida *Meus verdes anos*, não teríamos certeza de que a 'ficção' de *Menino de engenho* era tão autobiográfica. O mesmo para Oswald de Andrade com o tardio *Sob as ordens de mamãe*, subsequente ao *João Miramar* (SANTIAGO, 2002: 35).

Segundo esse crítico, duas vertentes foram dominantes nos primeiros anos de abertura política no Brasil: a prosa de intriga fantástica e estilo onírico, como forma de enfrentar a censura e a repressão do regime militar, e o romance-reportagem denunciando os arbítrios e violência desse regime. Santiago atribui ao retorno dos exilados a força de uma escrita autobiográfica, de marca memorialista, mas que extrapola a experiência guerrilheira.

A narrativa autobiográfica “já estava sendo, a partir da década de 60, a principal herança que os velhos modernistas legavam às gerações mais novas, [...]” (SANTIAGO, 2002: 38). No entanto, nesses textos tardios dos modernistas “a ambição era a de recapturar uma experiência não só pessoal como também do clã senhorial em que se inseria o indivíduo”, enquanto nos textos dos jovens políticos “o relato descuidava-se das relações familiares do narrador/personagem, centrando todo o interesse no envolvimento político do pequeno grupo marginal” (SANTIAGO, 2002: 38).

Como produção literária, *Galileia* dá continuidade a uma vocação memorialística, num jogo entre “memória afetiva e fingimento”, vocacionada, cada vez mais, para expor a rasura dos limites entre real e ficcional, como endossam as falas do escritor Ronaldo Brito, em algumas entrevistas. Em uma delas (2006), comenta o seu processo de criação, destacando as bibliotecas de sua vida, como a da mãe, que era professora, e a do município. Nesta tivera acesso a livros religiosos, que traziam histórias de santos, “muitos mártires”. Afirmava ironicamente: “Eu me ensanguentei de tantas vidas de santos, de tantos mártires que eu vi serem comidos, ou melhor, que eu li serem comidos nas arenas do Coliseu”. Em outra biblioteca, a de um primo de uma cidade do interior, o escritor diz ter encontrado “Tudo que você possa imaginar”; “só que ela tinha um único e absoluto defeito. Todos os livros haviam sido parcialmente comidos pelas traças e cupins. Eu vou lendo e de repente tem um buraco enorme que atravessa 20, 30, 40, 50 páginas”.

Ainda na entrevista, o escritor evoca situações relacionadas a sua família e à sua história pessoal – que circulam, de modo embaralhado, sem dúvida, no enredo

de *Galileia*, entremado de divagações ou reflexões acerca do sentimento de pertença e de uma suposta identidade regional modulando histórias individuais. Evocando Freud, considera a psicanálise “um processo [em] que você tenta, através do seu discurso, preencher esses buracos, essas faltas”. Para ele, o que “fazemos ao longo da vida nada mais é do que tentar preencher esses grandes hiatos da nossa história. Então, além de trabalhar com a minha própria memória, que é reinventada a cada texto, eu também trabalho para preencher todos esses buracos da minha formação, todos esses livros, essas histórias incompletas”. Contudo, Ronaldo Brito nega que Adonias seja seu *alter ego*.

No romance *Galileia* a biblioteca do avô Raimundo Caetano, leitor das “escrituras sagradas”, também é lembrada por Adonias. Quando da parada em um restaurante na beira da estrada, o personagem ouve a conversa do proprietário do estabelecimento, mas entrecortada pelo barulho da TV e pelo som de uma banda de forró.

O relato do homem lembra os livros da biblioteca do avô Caetano, todos parcialmente comidos pelas traças e cupins. Difícil encontrar algum que não tivesse buracos no miolo das folhas, em que não faltassem páginas inteiras, obrigando-me a imaginar o que não consegui ler, a tornar-me parceiro de autores famosos. [...] No melhor das histórias, os insetos vorazes comem páginas inteiras, provocando um hiato na minha formação intelectual (p. 37).

E aí o personagem refere-se à leitura que fizera de *Moby Dick*, de Herman Melville, e de um conto de Maupassant, narrativas interrompidas pelo estrago das traças, tendo que recriar as histórias, ao imaginar os destinos dos personagens. Devido a essas interrupções da leitura, Adonias afirma que seu saber “fragmentou-se como um vaso de argila sumério”. E conclui: “O justo seria tornar-me um arqueólogo à procura de cacos de ânfora, tentando recompô-la como a memória da família de que me dizem herdeiro e guardião. Mas recuei do projeto, temeroso dos riscos” (p. 37).

Na recusa em se tornar herdeiro e guardião dessa memória, até pela impossibilidade do feito, resta a Adonias sair catando alguns cacos de ânfora, ao narrar em *Galileia* a história da ruína de um clã, cujos membros viveram ou ainda vivem suas dores, amores, angústias e conflitos. Raimundo Caetano, ainda casado com Maria Raquel, o pai que “castigou os filhos com as leis do livro sagrado”, passa a ter uma união, não assumida publicamente, com a sua afilhada, Tereza Araújo, uma negra que foi morar em sua casa, ainda muito nova. Tereza teve dois filhos com o patriarca, que tratou de tirá-los da mãe, levando-os para longe, a fim de evitar que o adultério fosse denunciado,

restando a Tereza cuidar dos filhos de Maria Raquel como se fossem os seus. Morando sob o mesmo teto, tornam-se inimigas, e a inimizade marcará também o matrimônio de Raquel com o marido, ainda que morando juntos.

Ao longo da narrativa, a numerosa família de Raimundo Caetano vai sendo apresentada. Filhos, homens e mulheres, esposa e parentes ganham as páginas do romance, alguns deles, intitulado capítulos. À exceção de um, “Maria Raquel”, os demais identificam personagens do sexo masculino: “Adonias”, “Francisco de Castro”, “Davi”, “Tobias”, “Ismael”, “Natan”, “Josafá”, “Esaú e Jacó”, “Elias”, “Daniel”, “Ismael”, “João Domísio”, “Salomão”, “Lourenço”, “Raimundo Caetano”. Fica evidente a referência, a partir dos nomes, a um universo dominado pela cultura patriarcal, e à formação judaico-cristã dessa família, moradora da fazenda Galileia, nome que remete a Israel, região onde fica o monte Tabor, local em que, segundo os Evangelhos, ocorreu a “transfiguração” de Jesus Cristo.

Raimundo Caetano, que se chamava Abraão, é o nome de batismo dado ao avô de Adonias, exigido pelo padre em Inhamuns, que se recusou batizá-lo com aquele nome. Segundo Adonias, os nomes dados aos filhos de Raimundo Caetano, e também aos netos, devem-se à vingança do avô, praticamente do catolicismo pagão, “misturando o louvor aos santos com credices e superstições. Sempre rezou um terço ao acordar, mas também oferecia fumo à Caipora, quando caçava. Protegia a casa dos maus-olhados atirando sal grosso nos seus quatro cantos” (p. 23).

Já no início do romance, Adonias apresenta, em tom de ironia, algumas versões de árvores genealógicas do patriarca, remontando ao tempo em que os primeiros habitantes de Inhamuns, os índios jucás, tiveram suas terras invadidas pelos colonizadores, dentre eles, judeus cristãos novos. As invenções dos “genealogistas” da família eram investigadas por seu tio Salomão. Com apoio em documentos, leituras e pesquisas, para eliminar interpretações falseadas, o tio alertava que a “história não se faz dessa maneira”. O próprio Salomão é um genealogista, guarda em sua biblioteca livros desse gênero, aos quais ele dá credibilidade por serem textos escritos. Contudo, Adonias o adverte: “não somos historiadores, e sim fabuladores”. As farsas e as mentiras da família os mantêm unidos. Daí as histórias inventadas: “onde não existe esplendor, inventa-se” (p. 27).

Chegando à fazenda, Adonias e os primos encontram o avô em estado de saúde agravado, por isso não houve festa de aniversário. Moram próximos ao patriarca os tios Salomão, Josafá e Natan, que assumiu sem êxito a administração da fazenda. A casa de Raimundo Caetano, habitada pelos antepassados do seu avô, ainda nos tempos da sesmaria, tinha mais de duzentos anos, desde que

derrubaram a construção de taipa e levantaram tijolos. Seguiu o modelo trazido pelos colonizadores, com pé-direito que ultrapassava oito metros, “permitindo que o ar quente circulasse e a sujeira cobrisse o telhado, formando novelos de tucumã que ninguém conseguia remover por conta da altura” (p. 59-60).

A casa do avô era uma construção erguida “pela moral de um tempo em que mandavam os homens, a sala de visitas abria-se para fora e fechava-se para o interior, onde as mulheres recolhiam-se nos trabalhos domésticos, ou em quartos escuros e sem atrativos” (p. 60). Nesse espaço, ou em seu entorno, toda sorte de transgressões e delitos ocorrem, evidenciados ou insinuados pelo narrador, dos quais ouvira falar. Davi se envolve amorosamente com Ester, a mãe de Adonias. Ismael tem um romance com Marina, mãe de Davi. Suspeita-se na família, nada comprovado, de que Salomão, que nutriu uma paixão por Marina, tenha estuprado o sobrinho, Davi. Ou talvez, esse incesto teria sido praticado por Ismael, suspeita que Adonias e Raimundo Caetano, segundo o narrador, tratavam de eliminar, visando defendê-lo.

São flagrantes as marcas da ruína na fazenda:

Arruinou-se o quarto de fabrico de queijo, e as prensas lembram esqueletos de dinossauros, memória da fatura de leite. Parece que um meteoro caiu sobre a Galileia, queimou os pastos, matou os rebanhos, pôs os currais abaixo. Até o aboio dos vaqueiros são ouvidos apenas nos programas de rádio. Nos fogões de lenha não se torra café, nem manteiga, nem se produz o sabão da gordura de porcos e bois. Panelas de barro e cobre, cuias, jarras, potes e alguidares perderam a função. Minguaram, substituídos por plásticos e acrílicos. Os moradores se confinam em poucos cômodos, e o restante da casa sem uso mantém-se de pé por teimosia (p. 70).

Com a decadência da casa, quando os avós de Adonias já não vivem mais da agricultura e da pecuária, o fabrico de redes artesanais, sob o comando de Maria Raquel, vai ser o principal sustento. Tal atividade empregava “mulheres na manufatura de punhos, cordões, varandas de crochê e bordados”. E “os quartos de dormir, as salas de estar e os terraços da casa foram ocupados por máquinas de costura e fiação” (p. 60).

A falência vem acompanhada de mudanças, segundo Adonias: “As mulheres romperam as prisões simbólicas, saíram para o mundo, quebraram as paredes do gineceu e as portas que as isolavam no claustro sombrio. Os tempos eram outros, homens e mulheres se ocupavam dos mesmos afazeres, invertia-se a ordem patriarcal” (p. 60). E nos novos tempos a avó Maria Raquel está sempre assistindo televisão, observa Adonias durante sua estada na fazenda. Nesse período, como médico, ele cuida do moribundo, que ainda tem os cuidados de Júlia, a velha benzedeira, que entrava na casa “entoando



um bendito”. Com suas rezas, “sacudia ramos de erva e dançava em volta do enfermo”, o que, para o narrador, era “ignorância e obscurantismo”. Frequentando a casa de Raimundo Caetano desde que os netos eram meninos, Júlia lhes contava “histórias religiosas, de encantamento, de animais, adivinhação e morte” (p. 122).

A fazenda se deteriora tal qual a saúde do velho: a “Galileia reflete a doença do avô. A mesma infecção que destrói sua carne parece arruinar a terra. O mato invade as plantações, as cercas e os currais tombam” (p. 111). Evoca, assim, *Fogo morto* (1943), o romance do paraibano José Lins do Rego, referência da chamada literatura de expressão regional. Expondo a nostalgia por um passado extinto, esse romance dramatiza as transformações sociais do Nordeste e o seu impacto para a oligarquia da região, formada pelos senhores de engenho de açúcar. O fogo extinto dos engenhos traduz a decadência da economia açucareira e do patriarcalismo, fantasma de um tempo que não volta mais. Na fazenda Galileia, por sua vez, outros fantasmas rondam a casa, atormentando a família do patriarca Raimundo Caetano. O de Donana, filha de Raimundo, e o de João Domísio, seu esposo. Donana foi assassinada pelo marido, acusada de traí-lo, o qual inventara essa história para livrar-se da esposa e assumir outro relacionamento conjugal. Domísio, por sua vez, é assassinado, a mando dos cunhados, num ato de vingança.

## 2 Intelectuais do Nordeste em debate

Gestado no primeiro decênio do século XXI, *Galileia* retoma uma textualidade produzida no/sobre o Nordeste, questionando um discurso regional tradicionalista que emerge nos anos 1920. Ao tematizar sobre o sertão, recorte da região Nordeste, a narrativa de Ronaldo Brito segue uma trilha aberta pelo realismo de trinta, que tratou da decadência da oligarquia rural, como em Lins do Rego e Rachel de Queiroz, ou deu visibilidade aos excluídos do sertão nordestino, os “retirantes”, produzidos pelo capitalismo e por essa oligarquia, como fizeram Graciliano Ramos e Jorge Amado. *Galileia* difere dessas faturas, todavia, por não almejar a defesa da região, não cantar as glórias de um passado, nem reivindicar mudanças sociais.

Ao especular sobre uma espécie de novo regionalismo na ficção contemporânea brasileira, em trabalho publicado em 2010, Karl Schøllhammer ressalta que o foco

sobre a realidade urbana foi um dos traços que a ‘Geração 90’ preservou da ficção da década de 1970. Entretanto, nunca foi abandonado por completo o cenário regional, que subsiste até hoje na literatura brasileira desde o século XIX, e que continua sendo um dos alicerces da opção pelo realismo (2011: 78; grifo do autor).

O pesquisador atribui a Jorge Amado o feito de “preservar a popularidade da realidade regional por meio século”, como destaca as transformações do que viriam a ser as características do regional na literatura brasileira atual, em “diálogo com as obras emblemáticas de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos” (SCHØLLHAMMER, 2011: 78). Na produção contemporânea, “a questão regional abre mão do interesse pelos costumes, pela tradição e pelas características etnográficas para se tornar um palco da tensão entre campo e cidade, entre a herança rural e o futuro apocalíptico das grandes metrópoles” (SCHØLLHAMMER, 2011: 78-79).

Em *Galileia*, os primos fazem parte de “uma geração que saiu do campo para nunca mais voltar”, é o que afirma Elias, outro primo de Adonias. Os costumes, a tradição e os traços etnográficos do Nordeste, inventariados pelos escritores e intelectuais regionalistas, se fazem presentes nesse romance para serem postos em confronto com as experiências urbanas e cosmopolitas de Adonias, Davi e Ismael, por um olhar desconstrutor. “O sertão a gente traz nos olhos, no sangue, nos cromossomos. É uma doença sem cura” (p. 19), diz Ismael, como uma voz a ser tensionada com outras da narrativa. Ainda potente no imaginário social brasileiro, o discurso regionalista é reforçado hoje pelas bandeiras defensoras das particularidades regionais frente ao processo homogeneizador da globalização. Contudo, em *Galileia*, tal discurso, promotor de exclusões e de relatos de clãs – os quais criaram um conjunto de normas e valores socialmente rígidos –, se desmorona.

Nos anos 1920, emerge um regionalismo decorrente de nova sensibilidade, segundo Albuquerque Junior (2009), num contexto em que o “espaço perdia cada vez mais sua dimensão natural, geográfica, para se tornar uma dimensão histórica, artificial, construída pelo homem” (p. 60). Se no século XIX já se havia elaborado na literatura brasileira uma visão de regionalismo, substituindo o “realismo paisagístico”, atemporal, por um “paisagismo histórico” – com sua visão genealógica do país e de sua população –, observa Albuquerque Junior, nos primeiros decênios do século seguinte os processos de urbanização e modernização, provocando desequilíbrio social, impõem que se promovam novos ordenamentos. Nas metrópoles “se misturavam épocas, classes, sentimentos e costumes locais os mais diversos. Os espaços pareciam partir em mil pedaços, a geografia entrar em ruína” (2009: 60). Trata-se, nos anos 1920, de um novo modo de olhar os espaços, produzindo novos saberes.

Esse novo olhar produz uma formação discursiva nacional-popular, “provocando o surgimento de uma consciência regional generalizada, difusa no espaço, que consegue ir se ligando às várias existências individuais, mas principalmente à própria vida coletiva” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009: 61). Contudo, con-

tinua o autor, o recorte regional estava em posição subordinada frente ao “dispositivo das nacionalidades”, elaborado no processo de construção das nações. Com a exigência de se conhecer a nação brasileira, constituiu-a e integrá-la,

os diversos discursos regionais chocam-se, na tentativa de fazer com que os costumes, as crenças, as relações sociais, as práticas sociais de cada região que se institui neste momento, pudessem representar o modelo a ser generalizado para o restante do país, o que significava a generalização de sua hegemonia (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009: 61).

Nesse jogo de forças, dá-se visibilidade aos diversos regionalismos, através de uma produção imagético-discursiva, segundo Albuquerque Junior, a qual institui uma região. E assim, nos anos 1920, o discurso regional tradicionalista ganha força entre os intelectuais do Nordeste, particularmente em Recife, por sua importância econômica à época. Na capital pernambucana é criado o Centro Regionalista do Nordeste, em 1924, gerando o “movimento regionalista e tradicionalista”. Gilberto Freire, que retornara dos Estados Unidos, organiza o Congresso Regionalista em 1926, quando também é lançado o “Manifesto Regionalista”,<sup>2</sup> como desdobramentos do movimento.

Defensor da tradição, Gilberto Freire dizia-se moderno, mas não modernista como os intelectuais de São Paulo, que reivindicavam uma visão cosmopolita na construção da nação brasileira, ao defenderem, a exemplo de Oswald de Andrade, um diálogo com o que é estrangeiro, exterior. Em Recife, muitos debates ocorreram nessa década, destacando-se Joaquim Inojosa, por ir contra a corrente dos tradicionalistas, antes, estabelecendo uma interlocução com os artistas e intelectuais paulistas do modernismo de 1922, divulgando na imprensa pernambucana as suas ideias.

A força do discurso regional tradicionalista se impõe no Nordeste, atravessando décadas, haja vista o Movimento Armorial das artes e cultura, que tem como um dos seus criadores o escritor e dramaturgo Ariano Suassuna, envolvendo artistas e escritores do Nordeste, com o apoio oficial da Secretaria de Educação do estado, da Prefeitura de Recife e da Universidade Federal de Pernambuco. O termo “*armorial*”, referindo a heráldica, acolhe um conjunto de insígnias, brasões e estandartes dos segmentos populares. Lançado oficialmente nos

anos 1970, esse movimento tem por finalidade produzir uma arte erudita com elementos da cultura popular nordestina, a exemplo da música de viola e de pífano, dos espetáculos populares e do romanceiro popular.

O romance *Galileia* põe em xeque o regionalismo tradicionalista, como se pode observar no debate, às vezes tenso, entre Adonias e Salomão. Verbaliza o narrador: “Não perdoe sua segurança, o orgulho que sente da heráldica sertaneja, dos brasões, ferros de marcar boi, histórias familiares, coisas de pouco valor para mim” (p. 160). Defensor das tradições de família e da cultura popular sertaneja, cultura altamente valorizada pelos essencialistas por representar o Brasil “profundo”, anterior ao processo de colonização, Salomão vive cercado de livros. Possui uma “erudição solitária”, com “um jeito próprio de ver o mundo e a civilização brasileira”.

Como um velho sábio, advoga, apoiando-se na cultura livresca, a existência de “sangue negro” no sertão de Inhamuns, fato questionado por Adonias. Defende ainda a contribuição dos negros nesse lugar, como se orgulha da mestiçagem do país, pois temos “o sangue mesclado desde a Península Ibérica” (p. 114). “Sem grandes convicções nacionalistas”, Adonias critica o tio por julgar-se “um intérprete da cultura brasileira, portavoz dos pobres e desvalidos, sem abrir mão das regalias de um nobre” (p. 161).

Em meio à conversa, constata o personagem-narrador: “Percebia seu esforço em busca do que é permanente e sobrevive ao furor das mudanças. E admirava o quanto ele insistia numa consciência regional, procurando desenvolver um pensamento e uma prática cosmopolita” (p. 162). Adonias, por sua vez, se considera um “intelectual pós-modernista”, daí, tornar-se “desconfiado da cartilha do tio, temeroso de que ele me transformasse em mais um talibã sertanejo, desses que escrevem genealogias e contam causos engraçados” (p. 162-163). Salomão se posiciona contra os movimentos regionalistas, que produzem um discurso separatista, possivelmente pelo fato de cada região reivindicar para si uma supremacia cultural ou econômica: “em vez de andarem atrás de particularidades sem importância, deveriam investigar a contribuição econômica, social e linguística que o Nordeste deu para a formação do Brasil, e tudo o que foi produzido nas artes” (p. 164).

Para o narrador, a identidade regional é assunto de intelectuais nordestinos, afirmação que vem seguida de um comentário sobre a atividade das mulheres que tecem redes na fazenda.

Pra elas pouco importa que o regionalismo tenha sido uma invenção dos intelectuais de Recife para se contraporem aos modernos do Sudeste, ou que seja um formato de romance fora de moda. Elas costumam tecer redes, bordam panos, tecem varandas, deitam

<sup>2</sup> Segundo Albuquerque Junior, a data do lançamento do Manifesto é questionada por Joaquim Inojosa, em sua rivalidade com Freire. Inojosa “chega a afirmar a inexistência do movimento regionalista e tradicionalista, denunciando o fato de o Manifesto Regionalista de 1926 ter sido, na verdade, escrito e publicado em 1952, e o fato de que nunca fora lido no encerramento do Congresso Regionalista, como afirmava Freire, no prefácio do Manifesto” (2009: 105).

e dormem despreocupadas se as redes são regionais e possuem pouco valor de mercado porque foram fabricadas no Nordeste, bem longe de São Paulo e do Rio de Janeiro (p. 170).

Nessa estada na fazenda, Adonias também conversa com o seu primo Elias, irmão de Davi, comentando a decadência do Nordeste, onde a agricultura e a pecuária faliram. Elias, empresário bem sucedido do ramo da construção civil, embora homem cidadão, retorna à casa de Raimundo Caetano com mais frequência. Ainda durante a conversa, Adonias se recorda de um dos momentos de férias na casa do avô, quando apanhava flores de algodão da fazenda para vendê-las e ganhar alguns trocados. Segundo Elias, esse plantio fora destruído por um besouro, que acabou com “o sonho de prosperidade do Nordeste” (p. 113). De acordo com ele, o tio Salomão, um “xenófobo incorrigível”, atribui aos americanos a responsabilidade pela disseminação da praga na região. Continua Elias, a quem o narrador dá voz:

Tio Salomão jura que os culpados são os americanos. Eles temiam nossa concorrência e trouxeram o besouro pra destruir os algodoads. Quando olhava a destruição, o tio gritava pra todo mundo ouvir que foram os americanos. Ele inventa teorias conspiratórias e ninguém o convence do contrário. Jura que os ingleses roubaram as sementes das seringueiras da Amazônia e plantaram na África. Eu falo que nenhum agente secreto americano trouxe o bocado para o Nordeste, que os políticos inventaram essa história pra justificar a inépcia no controle da praga. Mas não adianta argumentar. O tio me chama de Judas, diz que traí o Brasil só porque morei nos Estados Unidos (p. 113).

Com a paulista Marina Castelli Rossi, Salomão teve uma interlocutora à altura. À época estudante de sociologia da Universidade do Estado de São Paulo, Marina vai para o sertão do Ceará instigada por um brasileiro americano na Universidade de Berkeley, na Califórnia, e pela “moda de desvendar as famílias ilustres do Brasil”, segundo Adonias. Assim, “munida de gravador, máquina fotográfica, papéis e fita cassete”, chega à fazenda Galileia, acolhida na casa de Raimundo Caetano, a fim de desenvolver seus estudos de doutorado “sobre a presença da família Rego Castro no sertão dos Inhamuns”. Para Adonias, a

tese da socióloga justificava o esforço de anos de pesquisa do tio [Salomão], e o dinheiro gasto comprando livros e papéis velhos, sem valor aparente. As árvores genealógicas dos Rego Castro foram desenroladas diante de um colecionador orgulhoso dos seus achados, e de uma estudante deslumbrada, como se acabasse de avistar as terras do Novo Mundo (p. 116).

A despeito de algumas divergências de pontos de vista, Salomão e Marina se entendiam, unindo-os, segundo o narrador, “o gosto pela pesquisa histórica e pelas ideias revolucionárias, desde que não ferissem o nacionalismo do tio” (p. 116).

Ambos dedicavam um bom tempo “definindo fronteiras entre o que é cultural e o que é literário na produção brasileira”. Para Salomão “apenas nós resolvemos os conflitos de convivência da oralidade com a escrita moderna e construímos uma escrita singular, a narração literária de nossa cultura” (p. 161), embora Adonias afirme não se lembrar “o que tia Marina pensava a respeito, certamente discordava” (p. 161). Essa interlocução cria no celibatário Salomão a expectativa de um casamento, ideia de muito agrado de seus pais, Raimundo Caetano e Maria Raquel. Contudo, há uma frustração sem par. Marina, encantada por Natan, com o qual terá os filhos Elias e Davi, não correspondeu à paixão, fato que gera o ódio em Salomão. A impossibilidade do romance entre os dois inibe a chance de se ampliar os nacionalistas da árvore genealógica da família Rego Castro.

### 3 Retornando do sertão da Galileia, para lugar nenhum

A narrativa se encaminha para o desfecho, com um passeio feito por Adonias e Ismael nos arredores da fazenda. Quando param no local do assassinato de Donana, entabulam uma conversa amena. Adonias começa a mudar o tom da prosa ao indagar o primo sobre seu envolvimento com Marina, quando vinha de férias à fazenda, à época já separada de Natan, fato confirmado por Ismael. Adonias o acusa de praticar ato incestuoso – deitar-se com a esposa do pai, Natan, e mãe dos irmãos, o que, para Adonias, foi uma traição, tratando-se de se corrigir, ao dizer que Ismael traiu a sua confiança e a do avô, que sempre o defenderam das acusações.

Como réplica, o primo insinua que Davi se envolvera com Ester, mãe de Adonias. Não suportando tal declaração, agride Ismael, arremessando-lhe uma pedra. Por vê-lo ensanguentado e sem consciência, Adonias pensa ter lhe tirado a vida, suspeita desfeita depois. Ambos silenciam frente ao acontecido. Em suas reflexões, Adonias assume para si o sentimento de inveja, ódio, desespero. Evoca o filósofo romeno Emil Cioran – o mal está em toda parte, entre todos os homens, e é mais forte do que o amor.

Adonias deixa a fazenda depois de ter aberto a arca do avô, a qual guardava um segredo que por muito tempo o cercava de curiosidade. Momentos antes, sentado em uma cadeira desconfortável, observa o quanto é “austero o mobiliário sertanejo”.

Não existem curvas nos móveis, apenas ângulos retos. Tudo é feito com madeira, tiras de sola e couro cru. Nenhum estofado que nos acaricie. Somente as redes envolvem e aconchegam. As casas e seus objetos provocam aspereza e tensão. O poder masculino dita as normas do desconforto, ninguém relaxa nem se entrega à preguiça (p. 211).

Sem entender por que as mulheres permitiram essa tirania, busca “pistas do feminino” na casa, “camufladas em jarros de flores, louças de barro pintadas à mão, caramanchões de buganvílias”. Identifica “pequenos sinais de mulheres silenciosas, aparentemente submissas, explodindo aqui e acolá em toalhas bordadas, redes com marcas de ponto de cruz, cortinas de franja, panos e colchas (p. 211).

A arca do avô, à sua frente, descansa o “seu peso imóvel” e o atrai: “sagrada, ninguém se atreve a tocá-la, nem para mover a poeira que escurece o verniz”. Vencido o receio, ainda que temeroso pela iminência de ser flagrado pelo avô moribundo, abre a arca e nela encontra os segredos da avô Raquel: seus livros, diários, desenhos bordados em suas páginas, anotações em “letra bordada e firme”, com caneta-tinteiro, relacionadas a atividades domésticas ou eventos familiares; enfim, onde há “espaço em branco a avó escreve”. Ainda, amostra de tecidos, cachinhos de cabelo, “uma flor seca e marrom, guardada em envelope”. “Descubro uma avó que nunca conheci antes, fechada em uma gaveta de fundo falso, protegida por armadilhas como a aranha por suas teias”.

Uma foto da avó que encontrara na arca perturbará o seu neto Adonias:

Raquel sentada em uma cadeira, os joelhos dobrados para trás, os pés descalços apoiados nas pontas dos dedos. O vestido arregaçado nas coxas cobre apenas a metade das pernas. Raquel olha para a frente, um riso aberto, os cabelos repartidos ao meio, presos atrás das orelhas. É tão linda a visão que meus olhos demoram a enxergar o avô logo atrás, vestindo um paletó claro, o pomo de adão sobressaindo no pescoço, o bigode fino, o riso de quem posa para a foto. Por que a avó escondeu esse retrato? Por que fez questão de aparecer de pés descalços, como as suas antepassadas jucás? A foto impressiona por esse detalhe acintoso, como se os pés descalços rissem das pessoas que olham para ele (p. 214-215).

Tocado por um detalhe, pelo *punctum*, no sentido dado por Roland Barthes – “O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)” (1984: 46) –, Adonias se vê tomado de emoção, incontrolável. “Os pés machucam meu coração, não suporto a dor” [...] A avó que morra com o segredo dela, com os pés descalços, o riso provocante. Morram todos, vão para o inferno, enterrem o passado que me acovarda”

(p. 215). Tomado pelo choro, é surpreendido pelo primo Ismael, que o abraça.

Ismael embala meu corpo, achando que enlouqueci de vez. Entrego-me aos cuidados dele, mal reparando que saímos para o terreiro, que estamos a céu aberto, espionados pelas estrelas da Galileia. Dois homens em pé na noite escura do sertão que amamos sem compreender, um morto carregando um vivo. O morto sou eu. Ismael canta baixinho, na língua kanela.

Adonias abandona a fazenda, tomado de arrependimento por ter ido à Galileia, e algumas divagações sobre o sertão o acompanham. “Transponho de volta a fronteira dos Inhamuns, as terras secas que há muitos anos se cobriam de pastos, a nação dos jucás. [...] O sertão é o Brasil profundo, misterioso, como o oceano que os argonautas temiam navegar” (p. 225). Mas a profundidade não está nas terras americanas. Antes, o sertão é um espaço construído com o cabedal de culturas milenares, como um trançado de redes, uma narrativa *mise en abyme*, frustrando a fixidez da origem.

O sertão é anterior ao descobrimento. Já se fundara em Creta, no culto ao touro e na arte de domar a rês. Também se fizera sentir na Arábia das Mil e Uma Noites e em Israel, com o legado da Escritura Sagrada. O Oriente e o Ocidente se juntaram nos desertos de cá. Mouros e judeus mesclados na Ibéria continuaram se misturando com outras raças de gente, gerando a estirpe sertaneja (p. 225).

Em sua superfície o sertão do Nordeste expõe as transformações culturais da contemporaneidade. Na viagem de volta a Recife, Adonias, agora sem a companhia dos primos, é levado pelo motorista Antonio, para tomar o avião na cidade de Fortaleza. Fazem uma parada na estrada, entram em um boteco, ocasião em que o narrador comenta os efeitos do processo de modernização no país, o qual vai enfraquecer uma visão estática e cristalizada de identidade regional do Nordeste.

Uma televisão aporrinha meus nervos. Todo boteco tem uma, ligada no mais alto volume. O sotaque brasileiro que se impôs ao restante do país entra pelos ouvidos, contamina o jeito das pessoas falarem, a música de cada região. A nova língua geral do Brasil é esse arremedo de fala que todos copiam. Não há rapaz ou mocinha que não tente falar igual aos artistas da TV, envergonhados por serem diferente (p. 232).

Invade Adonias um sentimento de pertença ambivalente. Quando da viagem à fazenda do avô, em companhia dos primos, recorda-se do convite que lhe fizera o prefeito de uma cidade do interior do Ceará, para exercer a medicina, o qual vai recusar: “Mas eu sou



metido a intelectual, queria outras coisas. A Galileia foi um lugar de férias, de meninice. Com a idade tornei-me um visitante arredo, [...] (p. 72)”. Uma dicção cabralina modula a relação de Adonias com o sertão, numa “educação pela pedra”. “*Nada lembra mais o silêncio do que a pedra, matéria-prima do sertão*”.

Ainda a caminho de Fortaleza para tomar o avião, Adonias e o motorista, como dispunham de tempo até a hora do voo, entram em uma pequena cidade para ver a “festa de São Gonçalo”. O motorista decide dar uma volta, afastando-se de Adonias, que circula entre os participantes da festa, observando o movimento. Ocorre um desencontro dos dois, e Adonias se dá conta de que perderá o voo. Embriagado, se vê cercado por uma “paliçada de motos”. Mas já não deseja voltar a Recife – está no meio do caminho, espaço neutro, que o leva a lugar nenhum. “Vago numa terra de ninguém, um espaço mal definido entre campo e cidade. Criei-me em cidade, mas não aprendi a ginga nem o sotaque urbanos. Aqui ou lá eu me sinto estrangeiro (p. 160).

Contudo, o sertão chama Adonias, à medida que ele o deixava para trás. E o personagem, tal qual Ulisses da *Odisseia* de Homero, tenta resistir ao canto: “Tapo os ouvidos com cera de carnaúba e fico surdo aos chamados. Se ouvires as vozes sertanejas, já não escutarás outras vozes. Melhor esquecer, seguir em frente” (p. 225). Para Adonias, escutar as vozes sertanejas é aprisionar-se em um passado guardado nas gavetas do tempo. Abri-las é correr o risco de vê-lo comido pelas traças. Portanto, melhor que sucumbir ao passado, é levá-lo para o tempo da narrativa,

criando novos trechos, acrescentando páginas, pois não existe um sertão profundo, a não ser como fabulação.

## Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. revista. São Paulo: Cortez, 2009.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Galileia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Entrevista*. <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10330.26/06/2010>. Acesso em 08/07/2012.

GASPAR, Lúcia. *Movimento Armorial*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 12 julho 2012.

MELO, José Inácio Vieira de. *Entrevista Ronaldo Correia de Brito: Galileia; ruínas e labirintos do sertão*. Disponível em: <http://jivmcavaleirodefogo.blogspot.com.br/2009/08/entrevista-ronaldo-correia-de-brito.html/16/08/2009>. Acesso em 13 julho 2012.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHÖLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Recebido: 30/07/2012  
Aprovado: 15/09/2012  
Contato: marciasrios@terra.com.br